

# O corpo falante e $\alpha$ -política da psicanálise

## *The Speaking Body and Psychoanalytic Policy of Object little a*

Rogério Paes Henriques, Paulo Vidal

### Resumo

Expõe-se o processo de constituição do sujeito como ser falante (*parlêtre*), a partir da incidência da dimensão pulsional da linguagem (*lalangue*), articulada ao objeto voz, que perfura sua superfície corporal. O sujeito da psicanálise, causado pelo real da pulsão, em sua correlata destituição subjetiva, situa-se no plano da ruptura ontológica. Ele subverte portanto qualquer consistência que se queira dar-lhe, por exemplo, via categorias identitárias situadas no plano ôntico-empírico. O corpo falante é uma caixa de ressonância do fato de que nele habita um dizer. Este é passível de transmissão por intermédio dos “relatos de passe”, testemunhos singulares de um “saber se virar” (*savoir-y-faire*) com o objeto *a*, segredo do gozo do sujeito.

### Palavras-chave

corpo falante, objeto *a*, relato de passe.

### Abstract

*The process of constitution of the subject as a speaking being (parlêtre) is exposed, starting from the incidence of the pulsional dimension of the language (lalangue), articulated to the voice as object little a (objet petit a), that pierces its corporal surface. The subject of psychoanalysis, caused by the Real of the drive, in its correlative subjective destitution, lies on the plane of ontological rupture. This subject of psychoanalysis therefore subverts any consistency that one wishes to give him, for example, via identity categories situated on the ontic-empirical plane. The speaking body is a resonance box of the fact that in it lies a saying. This later can be transmitted through “pass narratives”, singular testimonies of a “know-how” (savoir-y-faire) with the object little a (objet petit a), the secret of the subject’s jouissance.*

### Keywords

*Speaking body, Object little a (Objet petit a), Pass narratives.*

### Rogério Paes Henriques

Universidade Federal de  
Sergipe

Professor do Departamento de  
Psicologia e do Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia da  
UFS.

ruggerosph@gmail.com

### Paulo Vidal

Universidade Federal  
Fluminense

Professor do Departamento de  
Psicologia e do Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia da UFF.

paulovidal@id.uff.br

Não há ontologia lacaniana do sujeito:  
 nenhum ser lhe convém.  
 “Sujeito” nomeia [...]  
 um efeito de estrutura...  
 na diacronia..., no tempo:  
 efeito de significação e resposta do  
 real (SCHEJTMAN, 2015, p. 243).

## Introdução

É famosa a afirmação de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*: Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Assim como tal frase protagoniza certo ativismo político contemporâneo, poder-se-ia extrair do ensino de Lacan sentença similar, axiomática da psicanálise: Ninguém nasce falante, torna-se falante. Todavia, o modo de tornar-se mulher, para Beauvoir, e tornar-se falante, para Lacan, diverge radicalmente. Com sua noção de “sexuação”, apresentada no *Seminário 20*, Lacan (2008 [1972-73]) desconstrói qualquer política identitária essencialista. Sua ideia principal é que as identificações simbólico-imaginárias (os semblantes) não bastam para dar conta do real da relação com o sexo, impossível de se escrever, e cujo gozo só se pode cernir via fantasia. Daí seu recurso à lógica moderna, justamente no intuito de ultrapassar a lógica aristotélica da classe e do atributo, que substancializa identidades em categorias fixas. Como não há inscrição do sexual no inconsciente, o sujeito em psicanálise é a resposta a tal impossibilidade.

Trata-se aí, entre Lacan e Beauvoir, de duas dimensões do simbólico distintas: a primeira [de Lacan], refere-se à “‘dependência e subordinação’ do [sujeito] com relação à ordem estrutural [...] da linguagem”, que preexiste e subsiste a ele; a segunda [de Beauvoir], relaciona-se às relações de dominação construídas sócio historicamente, formatadas segundo o contexto de dada época (ALEMÁN, 2016, p. 14). Embora essas duas vertentes apresentem-se fenomenicamente mescladas, elas obedecem a lógicas radicalmente diversas: a primeira é estrutural, já a segunda é conjuntural.

A psicanálise “subverte o lugar e o modo como qualquer saber pode ser produzido, estabelecendo, a partir da suposição de um sujeito do inconsciente, que qualquer saber verdadeiro sobre o sujeito só pode ser produzido [...] a partir da relação do sujeito com o ato da fala” (ELIA, 2010, p. 65). Só assim um sujeito pode se constituir como homem e mulher, ou ainda, como incógnita X já que, para Lacan, há tantos semblantes de gênero passíveis de tamponar “a-sexualidade” do sujeito (isto é, a não inscrição do sexual no inconsciente), quanto o intervalo entre 0 e 1 na teoria dos números, ramo da matemática pura.

## O corpo falante

Lacan inscreve-se na tradição filosófica de Hegel (tal como lido por Kojève), Husserl e Heidegger, que separa radicalmente o desejo humano do instinto animal. Assim, para Lacan, não há código inato (inscrição prévia) que oriente, por exemplo, os cuidados de maternagem; estes devem ser significantizados, via linguagem. Uma pessoa que exerça a função materna não sabe de antemão o que fazer diante do recém-nascido sob seus cuidados que chora, devendo tal choro ser interpretado: que quer ele de mim? Na espécie humana, a necessidade nunca é experimentada em estado bruto, assim como nunca é respondida fora da linguagem. Essa necessidade significantizada pelo Outro materno chama-se demanda e é na sua estrutural

impossibilidade de satisfação – “por ser petição de amor” – que o desejo se inscreve. “O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade [...] ele inverte o incondicional da demanda de amor pela qual o sujeito permanece na sujeição do Outro, para elevá-lo à potência da condição absoluta... [ao desprendimento]” (LACAN, 1998 [1960b], p. 828).

Há, portanto, uma constituição do sujeito, na condição de ser de linguagem e de desejo, que Lacan se esforça por elucidar em seu percurso de ensino. Para Lacan, as operações implicadas no processo de constituição do sujeito localizam-se no campo da linguagem. Como se dá a entrada da linguagem na experiência do sujeito? Via relação com o Outro, alteridade primordial e fundante do sujeito, lugar do significante. Nascemos imersos num banho de linguagem, representado pelo universo simbólico que nos cerca, porém, para advirmos como seres falantes, temos que nos apropriar desse universo, deixando de sermos falados e passando a falar. Lacan reconheceu na lapidar frase freudiana, “*Wo es<sup>1</sup> War, soll Ich werden*”, um princípio programático à psicanálise: é preciso a entrada na linguagem para que: “lá onde isso estava, lá, como sujeito devo [eu] advir” (LACAN, 1998 [1965], p. 878).

Da sujeição ao Outro, o sujeito advém somente quando dele se desprende. “Alienação” e “separação” são dois processos atrelados à constituição do sujeito como ser falante – nomeados por Lacan (1998 [1960a]; 1998 [1964]) –, sendo a entrada na linguagem o momento mítico no qual a separação se consolida. Tal momento foi localizado por Freud (2010 [1920]) na brincadeira com o carretel de seu neto Ernst (“*For-da*”), quando o bebê inscreve seu primeiro par significante, sendo então capaz de simbolizar a presença/ausência materna. Se minha mãe desaparece, é porque ela deseja algo para além de mim mesmo; deduzo daí que não *sou* o objeto de desejo dela – isto é, não *sou* seu falo, este significante condensador do seu enigmático desejo – mas *tenho* algo dele em mim, dado que ela sempre retorna. A alienação ao Outro se descompleta quando o bebê, ao deixar-cair algo de seu *ser*, passa a *ter* o falo, tornando-se assim “falta-a-ser”. Lacan se apropria dessa ideia heideggeriana descrita em *Ser e Tempo*, baseada na fábula de Hígino, de que falta ao ser humano algum atributo que o essencialize, restando-lhe portanto o infundável cuidado de si mesmo (*Sorge*).

Em termos lógicos, a entrada da linguagem implica a internalização, via recalque originário (*Urverdrängung* freudiana), pelo sujeito do significante do Nome-do-Pai, metáfora paterna cuja função de ponto de basta fecha um sistema significante conferindo-lhe significação *a posteriori*, e do significante fálico, efeito da metáfora do pai, que é o significante do desejo e, portanto, da falta constitutiva do sujeito. O Nome-do-Pai e o falo são ambos transmitidos pelo grande Outro, encarnado nos pequenos outros da semelhança que assumem as funções de cuidado; a esses significantes fundacionais, é preciso que o sujeito dê seu assentimento dizendo “sim” (*Bejahung* freudiana) à sua transmissão – eis o que Lacan nomeou “insondável decisão do ser”, situando-a na origem das estruturas clínicas. “A verdadeira dimensão trágica da experiência do sujeito está [...] na inexorabilidade da sujeição do sujeito ao que se articula sem o seu arbítrio, decisão ou vontade, sem a sua consciência, mas certamente com sua escolha ativa, no ato mesmo em que se faz sujeito do inconsciente” (ELIA, 2010, p. 51).

O Outro, sendo matriz de dupla entrada, é dividido entre o lugar da fala e o lugar do desejo. O sujeito é falante, mas também desejante, e responde ao desejo enigmático do Outro construindo sua fantasia. Lacan escreve assim o matema da fantasia:  $S \ll a$ . Onde se estabelece a relação entre o sujeito (S barrado) e o objeto causa de seu desejo (*a*), estruturando sua realidade<sup>2</sup>. O objeto *a* é definido como a “substância episódica” do real, consistência lógica de um objeto mítico irrecuperável, inexistente materialmente, caracterizado por um furo. Como consistência corporal, o objeto *a* se encarna como pedaço de corpo, peça destacada pelo efeito de linguagem: seio, excremento, olhar e

## 1

Cabe destacar que o *es* alemão é homófono à letra S, que Lacan escolhe para grafar o sujeito, posteriormente barrando-o.

voz, nas quais as pulsões (oral, anal, escópica e invocante) encontram semblantes, alojando-se na estrutura como mais-de-gozar, ali mesmo onde falta o significante (SOLER, 2018, p. 181).

Até a década de 1960, Lacan ressaltava a efemeridade do sujeito afirmando que “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1998 [1960b], p. 833). A partir de sua heresia (RSI) que intitula o *Seminário 22* (LACAN, 1974-75), o último Lacan introduz a noção de *parlêtre*<sup>3</sup> – condensação entre significante e gozo como exigência pulsional. Segundo Miller (1998, p. 101), trata-se do sujeito destituído de toda substância de seu ser pelo uso mesmo da fala e afetado pelo gozo da linguagem, na medida em que ele *tem*<sup>4</sup> um corpo. Esse gozo da linguagem, advindo de *lalangue*<sup>5</sup>, faz furo (*troumatisme*) ecoando no corpo o fato de que há um dizer (LACAN, 2007 [1975-76], p. 18). O gozo se fixa furando pulsionalmente a superfície corporal. O falasser resulta, portanto, do acréscimo ao sujeito do significante de seu corpo pulsional – esse “saco com furos libidinalizados”, segundo a expressão de Soler (2018, p. 110). A metáfora filosófica “falta-a-ser” se desloca então à outra, topológica: “furo no real”. É desse “sujeito real” que Lacan faz a mostração no nó borromeano (SCHEJTMAN, 2015).

O sujeito da psicanálise é causado pelo real e sua destituição subjetiva situa-se no plano da ruptura ontológica. Esse sujeito só pode se representar entre significantes. Ele é uma função que carece de conteúdo próprio; é causado pela incidência do agente da linguagem sobre seu organismo (ALEMÁN, 2016, p. 65; CABAS, 2009, p. 10) – efeito d’*alíngua*, conjunto de ruídos que se transformarão em sons, logo, em palavras. Daí a afirmação lacaniana de que “o dizer fica esquecido por trás do dito” (LACAN, 2003 [1973], p. 449). Isto é, a dimensão pulsional da linguagem, articulada ao objeto vocal, subjaz à dimensão significante da linguagem, expressa na fala. A pulsão sempre parcial impossibilita “qualquer veleidade de ontologia, pois àquele que estaria tentado a dizer “o ser é”, sempre poderíamos responder: ‘você o disse’, fórmula mínima da interpretação analítica que deve visar ‘o que se diga’, pois aquilo que deve ser lido na fala não é ‘o que ela diz’, mas... que ela o diga” (SOLER, 2018, p. 97). Pode-se reler o *Wo es War, soll Ich werden* freudiano assim: “Lá onde isso era [...] [Eu] posso vir a sê-lo, por desaparecer de meu dito. Enunciação que se denuncia, enunciado que renuncia a si mesmo...” (LACAN, 1998 [1960b], p. 816).

Esse sujeito da psicanálise, desontologizado, esse “ser de não-ente”, não se confunde, portanto, com a consistência que certo ativismo político contemporâneo procura dar a entidades ôntico-empíricas que se encarnariam em categorias identitária múltiplas, causadas por uma construção sócio-histórica e seus dispositivos de poder. Nada mais distante do “sujeito sem qualidades” da psicanálise que a “polifonia da orquestra das concepções culturalistas de uma construção social do sujeito. [...] afirma[r] a dimensão social como essencial à condição do sujeito do inconsciente [como faz a psicanálise], não equivale à reduzi-la a uma sociologia culturalista do sujeito” (ELIA, 2010, p. 34).

Apesar de a psicanálise possuir aproximações com o campo político, ambos não se confundem, pois enquanto este costuma ocupar-se com a segunda dimensão do simbólico (alienação ao Outro social), aquela só vai tratar a primeira dimensão do simbólico (alienação ao significante). A principal diferença entre a ordem social e a ordem significante é que esta última é “furada, subtraída da dimensão que lhe daria consistência e completude” (ELIA, 2010, p. 36). Para a psicanálise, importa mais a dimensão real dos furos do sujeito em sua *histoeria*, que faz ressoar *alíngua* cravada em sua carne pelos significantes transmitidos pelo Outro materno, que a dimensão historicista, simbólico-imaginária, atrelada aos semblantes que a aparelham: classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade etc.<sup>6</sup>

## 2

Lacan afirma que “a fantasia é propriamente o ‘estojo’ daquele [Eu] que é primordialmente recalado, por só ser indicável no *fading* da enunciação” (1960b/1998, p. 831). Segundo a topologia lacaniana, a mostração da fórmula da fantasia dá-se a partir de um corte (em oito invertido) numa esfera munida de um *cross-cap*, cuja resultante é o sujeito, constituído por uma banda de Moebius, e seu objeto, constituído por um disco. Ver Nasio (2011).

## 3

Traduzido literalmente por “falasser” ou, metaforicamente, por “ser falante”. Lacan conjuga “fala” (*parole*), “ser” (*être*) e “letra” (*lettre*), ou seja, escrita/escritura.

## 4

Para Lacan, o animal, como organismo, não tem corpo, enquanto o sujeito o tem pelo fato de dele estar separado, justamente por isso falamos.

## 5

Trata-se da dimensão material e pulsional da língua, articulada à fonação e ao objeto voz. Em *O aturdido*, Lacan refere-se à *lalangue* como “integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela” (2003 [1973], p. 492). Em suma: *lalangue* é a palavra em disjunção com a estrutura de linguagem. (Traduzido por “alíngua” ou “lalíngua”, caso se opte, respectivamente, pela equívocidade ou pela lalação).

Nesse sentido, a psicanálise é “*a*-política” na medida em que sua política recai sobre esse “sujeito real” nas suas relações singulares com o objeto *a*, determinadas pela inscrição da marca da linguagem em seu corpo falante: trata-se de política orientada ao real, política pulsional ou, em termos lacanianos, política do gozo. Uma vez que...

...a realidade está constitutivamente construída por discursos [tipos de ordenação do gozo que promove laço social]; os afetos, os corpos, as pulsões estão atravessadas pelo discurso, marcados por seus significantes, determinados por uma retórica e uma gramática que suspende toda ideia de uma “força original e imanente” que se possa representar diretamente. Nesse aspecto, assinalamos que muitos dos pensadores “radicais” da emancipação costumam apelar a uma potência original dos corpos, como se eles não estivessem perfurados, de início, pelas pulsões, zonas erógenas e pulsão de morte<sup>7</sup> (ALEMÁN, 2016, p. 18).

Para o falasser que *tem* seu corpo – no sentido de dele poder servir-se – este corpo falante se constitui como “saco com furos libidinalizados pela operação do simbólico (...) – zonas erógenas, diz-se” (SOLER, 2018, p. 110). Lacan afirma que “o corpo só aparece no real como mal-entendido” (1980, p. 61). O traumatismo d’*alíngua* como acontecimento de corpo, singular e único, “significa que a desarmonia é originária e que esses sons de *lalangue* são de cada um e não sintonizam com ninguém” (RECALDE, 2016, p. 75). Dessa forma, por intermédio do corpo, Lacan (2003 [1977]) passa do inconsciente simbólico, estruturado como linguagem e alicerçado no Outro, ao “inconsciente real”, o qual se depara com um buraco no campo do Outro - S(A) [S/A barrado] - e com um gozo refratário ao laço social. O inconsciente real é um “enxame” (*essaim*) de S<sub>1</sub>: se não há relação sexual, Há Gozo desse Um (*y a d’l’Un*). Todo o último e ultimíssimo ensino de Lacan nada mais é que um movimento de retorno ao Um, para aquém do Outro. Isso instiga-nos, como psicanalistas, à posição ético-política de não recuar frente aquilo que se impõe como real, de não ceder frente ao real em jogo.

### “Se vira aí!”

Têm emergido recentemente no campo laciano, como gênero literário, os “relatos de passe” ou relatos do fim de uma análise, uma vez que, por intermédio do dispositivo institucional e clínico do passe, Lacan, ao contrário de Freud, instituiu uma “análise perfeitamente terminável” – segundo a expressão de Miller (2017, p. 45). Escritos em primeira pessoa do singular como casos clínicos, nesses relatos de passe, o passante narra, por meio de fragmentos testemunhais do próprio percurso analítico, sua experiência subjetiva da “travessia da fantasia” que resulta na “identificação com o *sinthome*” como nome de gozo, ilustrando assim saídas singulares ao incurável, advindo do real, um “saber se virar” (*savoir-y-faire*) com o gozo do Um. Esse gênero literário visa a transmitir a lógica de um tratamento e o real singular produzido pela própria experiência analítica.

Tomaremos os relatos de passe da psicanalista argentina Marina Recalde (2014a; 2014b; 2016) cujo testemunho exemplifica o que designamos como “*a*-política” da psicanálise orientada ao gozo, mostrando uma saída singular a Isso que não cessa de não se escrever.

*Marina, negra decidida*

## 6

Mesmo uma concepção pós-moderna de identidade, como a de Stuart Hall, atualizada como “celebração móvel”, “multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis” (2006, p. 13), puro fluxo intempestivo de identificações fragmentárias e pluralizadas, tampouco ela, a mercê do historicismo, consegue cernir algo do real de que se trata no sujeito da psicanálise.

## 7

No original, em castelhano: “...la realidad está constitutivamente construída por discursos; los afectos, los cuerpos, las pulsiones, están atravesados por el discurso, marcados por sus significantes, determinados por una retórica y una gramática que suspende toda idea de una ‘fuerza original e imanente’ que se pueda representar directamente. En este aspecto señalemos que muchos de los pensadores ‘radicales’ de la emancipación suelen apelar a una potencia original de los cuerpos, como si ellos no estuviesen perforados de entrada por las pulsiones, las zonas erógenas y la pulsión de muerte.”

Marina relata que seu corpo sempre foi um problema, desde a infância. Sua baixa estatura e sua cor da pele escura, insígnias de um real corporal ineliminável e indisfarçável, apesar dos seus esforços em contrário que incluíam tentativa de clareamento dos joelhos, a perturbavam sobremaneira, desviando dela o olhar dos meninos. A isso se acrescia um incontrolável tremor corporal que, tal como o “coração denunciador” do conto de Poe, revelava um gozo no corpo correlato à angústia. A lógica fantasmática de embranquecimento seguia uma montagem cuja cena se dava como devaneio hipnagógico: “uma tela branca que ia se enchendo de rabiscos pretos, fazendo crescer em cada aparição a angústia e o tremor. Só ao impor a ideia de voltar ao branco, é que a angústia cedia, o corpo parava de sacudir-se e eu podia entregar-me ao sono” (RECALDE, 2016, p. 77).

Com o advento da adolescência, período no qual se é autorizado a gozar do corpo do outro, em pleno auge dos seus dezesseis anos, Marina ainda conservava a aparência impúbere e seu desenvolvimento corporal tardio só veio recrudescer sua invisibilidade ao olhar dos meninos. Naquela época, acrescida ao tremor, surgiu-lhe uma incontrolável alergia na pele, que a impedia de fazer uso de certos apetrechos femininos: bijuterias e maquiagens. O discurso materno, “Você é uma negra fina”, garantiu-lhe certo efeito apaziguador sobre a injúria que lhe era atormentadora: “Negra!”. Todavia, isso não bastou. Já não era mais possível temperar o gozo que a empuxava ao pior, embora Marina relate duas tentativas fracassadas nesse sentido.

A primeira tentativa refere-se a um momento sincrônico de sua biografia quando, por volta dos dezessete anos, compareceu a um hotel em Buenos Aires para realizar um procedimento estético retificador em seu nariz, o qual, julgado grande demais pelo Outro familiar, era alvo de zombaria, fazendo-a localizar aí um ponto de vergonha. Qual não foi sua perplexidade e desconcerto quando a especialista em rinoestética procurou dissuadi-la da preocupação com seu nariz, afirmando não haver nada de errado com ele. Isso a fez declinar da realização do grosseiro procedimento estético, que consistia na inserção de próteses de silicone nas narinas.

A segunda tentativa insere-se num processo diacrônico de sua biografia que se inicia após o amadurecimento corporal, vinculado à adesão desmedida ao mundo *fitness*, com o desenvolvimento de sintomas que se designaria descritivamente por “vigorexia”. Dessa forma, Marina dava um contorno socialmente aceito ao seu excesso pulsional, submetendo-se à tirania da saúde: ela vira “rata” de academia de ginástica, contrata um *personal trainer*, faz planejamentos alimentares, participa de maratonas etc. Ela queria ser, ou ao menos parecer, uma fisiculturista. Diz Marina: “(...) sem sabê-lo, estava empenhada em fazer-me um corpo falicizado, musculoso, vital, amável ao olhar do Outro” (RECALDE, 2016 p. 80) – delírio compartilhado com outras na primeira academia só para mulheres que frequentou. Marina construía para si um corpo “grande”, “de mulher feita” – segundo apontava o discurso paterno, conferindo-lhe marca edípica – na medida inversa em que seu próprio pai, doente terminal, definhava. O limite adveio com sua mudança compulsória para uma academia mista, onde um dos seus colegas de malhação referiu-se a ela por “Arnold [Schwarzenegger]”, dito que lhe tocou o corpo funcionando assim como ponto de basta. Seguiram-se a isso tentativas menos intensas de se alinhar aos esportes masculinos, que exigiam vigor maior que os habituais exercícios físicos considerados femininos, os quais a aborreciam.

Diante do fracasso de tais tentativas, os sintomas proliferaram acoçando-a: “Havia me convertido em uma vitoriana e a paralisia e as gravidezes históricas estavam na ordem do dia, acentuadas depois da morte prematura de meu pai” (RECALDE, 2016 p. 81). Nesse ponto, Marina inicia uma segunda análise – a primeira, durante a infância, fora breve e havia resultado no abrandamento de sua insônia (RECALDE, 2014a, p. 179), sendo

o saldo de alguns anos investidos nessa segunda análise importante, mas não suficiente. Embora não fosse mais uma vitoriana retrô, o retorno de parte dos sintomas corporais (angústia devastadora, alergia na pele e tremor incontrolável), após um impasse com o homem amado, a levou a uma terceira análise que perdurou vinte anos.

É durante essa terceira análise – na qual se incluem duas tentativas de passe, sendo uma recusada pelo cartel<sup>8</sup>, e outra bem-sucedida – que ocorre a travessia das identificações (ou da fantasia) e a nomeação sinthomática de gozo, que intitula esse tópico: “Negra decidida”. Ater-nos-emos aqui à apropriação singular feita por Marina do significante “negra” – a chave de sua *histoeria* (RECALDE, 2014b, p. 51) – em seu terceiro percurso analítico, como exemplificação d’a-política da psicanálise, uma vez que o encontro com *alíngua* não perfura dois corpos, por mais semelhantes que sejam imaginariamente, do mesmo modo. Nesse sentido, afirma Marina:

O tom negro de minha pele, escura como a de meu pai, sempre foi um motivo de angústia e desprezo, não só em minha relação com o Outro, como – e fundamentalmente – para mim mesma. Era eu mesma, soube depois e já em análise, que me havia tornado portadora desse desprezo, imersa em situações que me devastavam, em um anseio desesperado por branquear-me.

Havia me localizado como uma “negra de merda”, ligando um significante (“negra”) à injúria frequente que vinha do Outro.

Com uma injeção gozosa que eu mesma havia fabricado sem sabê-lo, havia colorido o “negra” de modo injurioso (RECALDE, 2014a, p. 181-2).

Filha de pai negro e pobre e de mãe branca de classe média, Marina se identificou ao traço significante paterno na condição de dejetivo – “aquele que enlaçava o objeto anal ao escópico na sua vertente cruel” (RECALDE, 2014b, p. 60). A fenomenologia do insulto é apresentada por Lacan (1998 [1959], p. 540-541) em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, a partir do episódio da jovem que ouve seus vizinhos a chamarem de “Porca!”, em conexão com “Eu venho do salsicheiro”. Conforme Vieira (2018, p. 86), quanto mais o insulto for sem sentido, mais a presença do insultante será sentida como voz; apenas presença. Essa presença vocal do Outro, mais que qualquer outra, exige resposta. Para Marina, o insulto advindo do Outro enodava-se ao *sentido gozado* de sua fantasia, que fixou o significante mestre (“negra”) como depreciativo.

Eis que há, então, um ponto de virada em sua análise, que faz deslizar esse significante, conseqüentemente à seguinte interpretação do analista: “Negro não era o apelido do seu pai? Não o chamavam de Negro?” (RECALDE, 2014b, p. 60). Aí, pois, Marina se dá conta de sua identificação amorosa ao pai<sup>9</sup>, por meio desse traço significante sustentado pelo mesmo apelido que ambos compartilharam na vida: negro/negra. Nesse momento, a injúria do Outro que tentava nomeá-la à força, “em vão, pois ferir não é nomear”, torna-se um ser “nomeado a” (SOLER, 2018, p. 217). Lacan afirma que “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1998 [1960b], p. 833). Isso implica que o significante mestre (S<sub>1</sub>) represente o sujeito para outros significantes (S<sub>2</sub>), que se esforçam em predicar sobre o que esse representado é. Assim, o significante mestre de Marina, “negra”, que antes se fixava à injúria qualificando-a de forma negativa (“de merda”) desliza a novas predicções alterando a posição do sujeito. Eis que, para além do amor ao pai, irrompe o “decidida”, em sua primeira experiência fracassada de passe. Com isso, Marina promove o desvanecimento desse Outro cruel – que sempre lhe dizia “não” e lhe exigia um “sim”, insaciavelmente; isso revela um “resto que, como determinante de sua divisão, a faz decair de sua fantasia e a destitui como sujeito” (LACAN,

## 8

A reação relatada por Marina a esse “não”, que incluiu raiva, “perturbação que levou algum tempo para sumir” (RECALDE, 2014a, p. 182), não se coaduna à operação topológica de subtração do imaginário, e correlato esvaziamento afetivo no nível fenomênico, que Laurent (2016, p.194) localiza nos testemunhos do passe.

## 9

De uma perspectiva topológica, Schejtman (2015, p. 219) assinala ser próprio do enodamento histórico sua reversão tórica que termina envolvendo os três registros RSI como armadura do amor ao pai, restaurando sua função borromeana.

2003 [1967], p. 257). Esse resto, objeto *a* como segredo de seu gozo, pôde enfim ser nomeado:

“Negra decidida”, que, agora, me situa podendo dizer não, mas também dizer sim, de outra maneira.

Aí onde, irremediavelmente, havia dito sim, para tentar acalmar e preencher o Outro, esperando que Ele me peça, tal como a fantasia havia alentado, para evitar a suposta crueldade ou raiva do Outro, adivinho outra tonalidade libidinizando de outra maneira o “negra” anteriormente ligado à injúria e voltando a escolher o parceiro amado, que soube acompanhar e acalentar esses movimentos (RECALDE, 2014a, p. 183).

Como produto da análise, Marina pôde concluí-la com uma nomeação fazendo um uso novo do significante mestre, do qual o atravessamento fantasmático lhe permitiu separar-se, articulado a uma vitalidade radical substitutiva ao tremor incontrolável; essa face de vitalidade até então desconhecida, advinda do Outro materno, que agita seu corpo e o vivifica, possibilita-lhe modalidades inéditas de enlace social. Marina se virou com seu gozo! “Enfim, negra, decidida, vital, trêmula, sigo avançando, sabendo que, felizmente, é evidente, a coisa anda também porque sempre, finalmente, algo resta” (RECALDE, 2016, p. 83).

## Considerações finais

Buscamos mostrar que a psicanálise “em intensão” ou “pura” pode ser tão (ou, *mais ainda...*) subversiva em seus efeitos quanto se pretende o ativismo identitário. Psicanálise e ativismo identitário correm em paralelo às vezes se aproximando, muitas outras vezes não. Sobretudo suas pautas são distintas: a política ativista se inscreve na dimensão social, atrelada aos coletivos identitários em sua luta pelos direitos das minorias; já a política da “cura” em psicanálise se inscreve na dimensão significativa articulada ao que disso resta, isto é, à singularidade de um tratamento inventivo do gozo.

Se o racismo “é o ódio ao gozo do Outro”<sup>10</sup> – segundo a fórmula de Alemán (2016, p. 113) –, a publicização do “passe”, como relato testemunhal singular que dá mostras de um saber se virar com o próprio gozo, poderia disseminar uma abertura ao então rechaçado gozo do Outro. A literatura nada mais é que uma aposta na experiência transformadora. Eis nossa aposta nesse gênero literário autenticamente laciano. A transmissão da experiência do passe, que enoda uma análise com fim a um gozo sem vergonha, como política pulsional (ou *a*-política), bordeja um furo. Litoral entre o simbólico e o real, eco no corpo de um dizer.

## Sobre o artigo

Recebido: 24/05/2018

Aceito: 02/07/2018

## Referências bibliográficas

ALEMÁN, J. **Horizontes neoliberales en la subjetividad**. Olivos/Pcia. de Buenos Aires: Grama Ediciones, 2016.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970.

## 10

No original, em castelhano: “...el racismo ‘es el odio al goce del Otro.’”

- CABAS, A. G. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- FREUD, S. (1920) Além do princípio do prazer. In **Obras completas, v. 14: o "homem dos lobos" e outros textos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 57-83.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LACAN, J. (1959) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 537-590.
- LACAN, J. (1960a). Posição do inconsciente. In \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 843-864.
- LACAN, J. (1960b). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 807-842.
- LACAN, J. (1964). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1965). A ciência e a verdade. In \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 869-892.
- LACAN, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 248-264.
- LACAN, J. (1972-1973). **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. (1973). O aturdido. In \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 448-497.
- LACAN, J. (1974-75). **Seminário 22: R. S. I. Psikolibro**. Versão castelhana. Disponível em: <http://psikolibro.blogspot.com.br/2007/10/obras-completas-de-lacan-entrega-05.html>. Acesso em: 23/05/2019.
- LACAN, J. (1975-76). **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LACAN, J. (1977). Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 567-569.
- LACAN, J. (1980). **Seminário 27: Dissolução**. Versão bilíngue produzida por Lacan em pdf. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Cfe8bGxji4EsxVNkT-99jVpbyXvjDdea/view>. Acesso em: 23/05/2019.
- LAURENT, E. **O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.
- MILLER, J-A. **O osso de uma análise**. Salvador: Agente, 1998.
- MILLER, J-A. **Política Lacaniana**. Buenos Aires: Colección Diva, 2017.
- NASIO, J-D. **Introdução à topologia de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- RECALDE, M. Novo uso do sinthoma. **Latusa**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 179-185, 2014a.
- RECALDE, M. Responder a um "não". **Opção Lacaniana**, São Paulo, n. 68/69, p. 59-63, 2014b.
- RECALDE, M. Corpo, significante e gozo. **Arquivos da Biblioteca**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 65-83, 2016.
- SCHEJTMAN, F. **Sinthome: ensayos de clínica psicoanalítica nodal**. Olivos/Pcia. Buenos Aires: Gramma Ediciones, 2015.
- SOLER, C. **Lacan, leitor de Joyce**. São Paulo: Aller Editora, 2018.

VIEIRA, M. A. **A escrita do silêncio (voz e letra em uma análise)**. Rio de Janeiro: Subversos, 2018.